

## DISCURSO E CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA NA FORMAÇÃO DO SOLDADO NO EXÉRCITO BRASILEIRO

Ms S. C. – Universidade Federal do Paraná/UFPR

[Sheila1705@gmail.com](mailto:Sheila1705@gmail.com)

Ms. A.A. S. – Universidade Federal do Paraná/UFPR

[antenor@email.com](mailto:antenor@email.com)

### RESUMO

É nítida a formatação experimentada por um indivíduo que se submete ao serviço militar, seja em caráter obrigatório ou não. Contudo, nem sempre são claras as correlações entre o cotidiano da caserna e teorias que expliquem a conexão entre o discurso do Estado e a mudança da concepção de mundo do soldado através das ferramentas ideológicas com vistas à mudança dos valores simbólicos individuais e coletivos, incluindo a possibilidade de destruição do outro, se necessário. Este ensaio busca evidenciar, através de uma entrevista com um ex-militar do Exército e da leitura de filósofos como Ernst Cassirer, por exemplo, o funcionamento de parte desse mecanismo: quando um jovem se transforma em um soldado e passa a estar intrinsecamente disposto a morrer por seu país.

**Palavras-chave:** Estado; Soldado; Imaginário; Simbólico.

### INTRODUÇÃO

Este artigo tem por principal finalidade compreender parte do imaginário, do universo simbólico, construído durante a formação básica do soldado no Exército Brasileiro, uma das três Forças Armadas que compõem o estrato armado (MANN, 1992, p.184) do Estado brasileiro.

Secundariamente, o texto visa oferecer uma reflexão sobre a função do Estado brasileiro como agente criador e mantenedor das Forças Armadas tendo em vista essas serem ferramentas para implementar seus propósitos ideológicos, conduzindo o indivíduo a experimentar e viver determinadas práticas simbólicas. Com sua intenção o Estado tenta formar o imaginário de que “*la patria esta dentro de ti, es un espacio sagrado que se halla en el alma de todos los hombres*” (MOSSE, 2007, p. 29).

Tais práticas envolvem uma mescla de ‘sutileza’ no discurso patriótico, como algo natural, que é devido *a priori*; e da sua ‘imposição’ através de instruções

específicas e de exercícios de ‘adestramento’<sup>1</sup> que visam o fortalecimento do conceito de ‘corpo’ no âmbito da caserna.

Para que esse universo fosse decodificado, lançou-se mão de um conjunto de entrevistas concedidas por um ex-militar graduado do Exército Brasileiro que respondeu algumas questões relacionadas a aspectos práticos da formação de um soldado no exército. Essas repostas, por sua vez, tornaram-se elucidativas na construção deste ensaio.

Em suma, buscou-se, a partir das informações prestadas pelo narrador, compreender o imaginário e a simbologia militar-mítica constante na formação profissional do soldado durante sua rotina no quartel, nos rituais intrínsecos e impessoais, levando-o à condição-fim: a de ser chamado “soldado”.

## **FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA SOLUÇÃO DO PROBLEMA**

Na elaboração de uma possível resposta que pudesse evidenciar as formas simbólicas existentes na formação de um soldado do Exército Brasileiro, procurou-se respaldo em algumas obras de Cassirer (2003 e 2005), nas quais são elencadas formas pelas quais o mundo é organizado: a partir da experiência humana com simbolismos, pelo uso da linguagem, mitos e da cultura. Também parte-se do pressuposto que o Estado é capaz de impor comportamentos a seu povo, seu componente humano e que o comportamento experimentado na formação de um soldado em formação no Exército Brasileiro, fração do Estado brasileiro responsável pela defesa nacional, não fugiria a essa premissa.

Outro autor que nos auxiliou na compreensão da construção social e suas variáveis foi Gil Filho (2005 e 2010) que fundamenta a apreensão do simbolismo das convenções sociais e suas representações, e por consequência, tornou-se possível transpor essa lógica para o dia a dia do soldado em formação.

Ruiz (2003) conduz a uma reflexão, por meio das teorias do imaginário, na qual foi possível compreender como transformações de comportamento podem

---

<sup>1</sup> Adestramento é um termo comum no léxico militar. Trata-se de expressão utilizada quando se refere à formação militar, seja individual ou coletiva. Não possui, portanto, função depreciativa no texto como pode sugerir à primeira vista.

ocorrer. De acordo com a forma e os métodos utilizados, é possível verificar que determinado indivíduo pode ser condicionado a reagir em situações para a qual antes não alcançaria a resposta desejável.

Assim, é possível entender como o soldado é levado à modificação das suas concepções sobre alteridade – momento em que o ‘outro’ pode facilmente ser convertido em ‘inimigo’ e ser eliminado, sem a existência de um sentimento de remorso por ter matado um ‘semelhante’.

Bonnemaison (2002, p. 85) possibilitou-nos uma abordagem cultural durante esse estudo sobre o território e as territorialidades criadas no imaginário pelo Estado:

*Para os geógrafos, a cultura é rica de significados porque é tida como um tipo de resposta, no plano ideológico e espiritual, ao problema do existir coletivamente num determinado ambiente natural, num espaço e numa conjuntura histórica e econômica colocada em causa a cada geração. Por isso, o cultural aparece como a face oculta da realidade: e, nos dois casos, confrontação com uma realidade histórica que às vezes o esconde (especialmente quando os problemas de sobrevivência têm primazia sobre todos os outros), outras o revela, como parece ter sido o caso nesses últimos anos. Em suma, a análise cultural em geografia pode ser uma nova abordagem para descobrir aquilo que Claude Raffestin denomina de “geoestrutura”, isto é, um sistema real a se tornar inteligível.*

Nessa união entre o cultural e o ideológico, ou na influência desse, sobre o primeiro, são utilizados para a construção do *corpus* ‘pátria’ no imaginário do soldado em formação pelo Estado, discursos que deem condições para a manutenção dos simbolismos, que são gradativamente impostos para perpetuação do imaginário que concebe uma estrutura nacional, onde os valores são traspassados pelos costumes, língua, credo, ou seja, signos e símbolos da cultura vivida dentro do espaço ‘natural’.

O imaginário criado nos conceitos ‘nacional’ e ‘pátria’ acaba por ser lapidado no interior do militar para que seja ‘natural’ ao soldado em formação, tendo em vista a considerável plasticidade desses conceitos, utilizados para consolidar a ‘estrutura’ do soldado, explicando parte do que seria sua própria razão de ser – *lato sensu* – o que afetará simultaneamente sua linguagem e o seu pensamento.

Conforme Rein (1959, p. 25) “el lenguaje no se agrega al pensamiento ya formado en sus distintos grados de abstracción, sino que pensamiento y lenguaje se forman como una unidad. El sentido no se identifica con su expresión, pero necesita de ella”. E, essa unidade é formada dentro do militarismo para que o indivíduo seja constantemente formatado, dessa maneira as ações que forem incubidas a ele, serão feitas com maior esforço.

De qualquer modo, para entender tal argumento, o geógrafo precisa entender o espaço fenomenológico que permeia a pesquisa. Utilizando-se da ideia de cultura simbólica para expressar as evidências encontradas, ele passa a ter um caminho viável a seguir, como bem evidencia Bonnemaïson (2002, p. 102-103), onde se deve buscar a

*ideia de cultura, trazida em termos de espaço, não pode ser separada da ideia de território. É pela existência de uma cultura que se cria um território e é por ele que se fortalece e se exprime a relação simbólica existente entre a cultura e o espaço. A partir daí, podemos chamar de abordagem cultural ou análise geocultural tudo aquilo que consiste em fazer ressurgir as relações que existem no nível espacial entre a etnia e sua cultura (...). Assim, e tanto quanto possível, os geógrafos devem procurar compreender a concepção de mundo que existe no coração do grupo ou da sociedade que estejam estudando. Isso menos pelo estudo da representação cultural em si mesma, mas sobretudo pelo estudo de suas expressões espaciais (...). Paralelamente, devem ser consideradas a organização social e hierárquica, as funções políticas, sociais e econômicas do grupo ou da sociedade estuada reproduzindo-se no espaço, elas revelam as estruturas de poder e enquadramento. Esse “espaço social”, de alguma forma produzido pela sociedade, é um conceito cada vez mais utilizado pelos geógrafos e pelos antropólogos.*

O Exército Brasileiro, como componente das Forças Armadas, foi empregado neste artigo como sinônimo de ferramenta ideológica do Estado – ou ‘aparelho ideológico’ (ALTHUSSER, 1985, p. 53-59 e 66-81) –, por ser um dos detentores do discurso nacional de criação do ‘herói’ nacional (MOSSE, 2007, p. 92 e 105), e, por isso, dá continuidade à construção do discurso massivo patriótico de nacionalidade.

Contudo, para que tal discurso possua algum efeito prático, indivíduos comuns, de classes sociais e formações intelectuais distintos são convocados e

depois, aleatoriamente, apesar de que nem sempre ocorre isso, pois, alguns escolhem onde querem servir, depois são unidos em grupamentos, nos quartéis, onde serão divididos equitativamente em unidades menores para serem ensinados sob um único e rígido padrão funcional do Estado.

Todas as fases do treinamento são importantes para que a consciência combativa seja adquirida pelo jovem ingresso no meio militar. Em Rein (1959, p. 25) pode-se entender ainda como a consciência absorve os símbolos e nos indivíduos envolvidos na formação militar inicial:

*Pero, desde el momento en que la consciencia se integra en un sistema de símbolos, la impresión sensorial adquiere una forma abstracta. De tal modo son interdependientes las funciones sensoriales e intelectuales de la consciencia simbólica, que no es posible señalar un limite entre lo sensorial y lo intelectual en el análisis del “universo de sentido” lingüístico. Esas intuiciones primarias “tienen raíces en la esfera de la impresión sensorial inmediata; pero ellas contienen, por otro lado, el primer germen del cual se desarrollarán las expresiones puramente relacionales”.*

Nesse sentido, será necessária uma construção simbólica em torno dos objetos que compõem o espaço geográfico afetado diretamente pela ação prática do Exército Brasileiro, ou seja, a formação de um indivíduo qualquer em um soldado passa obrigatoriamente por atividades de rotina, com valores simbólicos fundamentais que devem ser lembrados constantemente; e atividades especiais, que denotam mudanças simbólicas, mas que fazem sentido dentro do contexto no qual está inserido.

Ruiz (2003, p. 61) expõe que a “teia de significados socialmente instituídos” é diferente e inédita em cada sociedade, pois cada grupo social recria o mundo com um sentido novo. Ela se configura de forma particular em cada coletivo, socializando os indivíduos e constituindo sua identidade pessoal e social.

## **SERVIÇO MILITAR OBRIGATÓRIO E FORMAÇÃO DO SOLDADO**

No Brasil, por força de lei (BRASIL, 1964), o primeiro contato oficial de todo jovem do sexo masculino com o serviço militar é no momento do alistamento obrigatório nas Juntas de Serviço Militar, com dezoito anos completos.

Contudo, sinaliza-se uma diferenciação quando o jovem é estudante universitário, especialmente quando tem sua formação voltada para a área de saúde: médico, farmacêutico, dentista, e veterinário, pois esse não serve imediatamente.

Quando o jovem se apresenta na unidade militar designada pela Junta, pergunta-se sobre sua ocupação. Se a resposta for “estudante de medicina”, por exemplo, o militar encarregado o informa está dispensado até a conclusão da sua graduação. Em seguida, deve se apresentar na unidade militar mais próxima e, provavelmente, servirá ao quartel por um ano obrigatório como oficial de saúde, ao invés de servir um ano obrigatório como soldado comum.

Isso ocorre tendo em vista a necessidade das Forças Armadas em relação ao serviço especializado desses profissionais que, por sua vez, também devem passar pelo treinamento não igual aos outros militares, em formação básica, por mais que o programa de formação seja praticamente o mesmo voltado para indivíduos sem experiência bélica ou armamentícia.

Operacionalmente, o soldado sem formação específica será muito mais cobrado durante a formação, pois para a fiel execução da sua atividade-fim, será ensinado a matar com eficiência, enquanto os profissionais da saúde ficariam encarregados de tratar feridos durante o combate, em detrimento da sua habilidade com armas de fogo.

Após a apresentação e aferição da disponibilidade física, o jovem deve comparecer à unidade onde foi lotado para que, em seu primeiro momento de treinamento dentro do quartel, lhe sejam ensinadas as rotinas de atividades físicas e a devida habilidade, o que inclui o uso e manutenção, com armas de fogo específicas.

Em contraponto, os que não foram ‘aceitos’ para o serviço militar obrigatório serão dispensados da incorporação, recebendo o Certificado de Dispensa de Incorporação, após o juramento à bandeira nacional. Nessa cerimônia, o dispensado se compromete às mesmas obrigações que o soldado recém-ingresso está sujeito, em caso de necessidade – mobilização em estado de guerra, por exemplo.

Após certa ambientação, que dura pouco mais de um mês, o recruta<sup>2</sup> sujeita-se a uma série de treinamentos intensivos, os ‘campos’. No primeiro campo (campo-escola), o soldado executa uma série de atividades que consolidem o espírito de corpo e proporcionem ambientação com o respectivo ambiente operacional – geralmente relacionado a um bioma como selva, cerrado, caatinga ou pantanal, por exemplo.

No campo subsequente, a ‘sobrevivência’ ou ‘campo-boina’ o indivíduo será avaliado e ensinado ter a desenvoltura necessária para o exercício da função de soldado, conforme o narrador (Entrevistado, 2012):

*Primeiro o soldado tem que ter iniciativa, acima de tudo. Porque, às vezes, ele está em uma situação em que precisa tomar uma decisão crucial. Ele não pode, necessariamente, depender do sargento, do cabo. (...) Não é iniciativa ao sentido de “tomar o poder” (...) mas há situações em que uma tropa está encurralada. Muitas vezes o cabo ou o sargento vai sofrer um abalo [de caráter psicológico] e perder parte da noção do que está acontecendo. O soldado está ali para ajudar o sargento, ajudar o cabo. O soldado não é um completo autômato.*

Essa fase do ensinamento serve para quando o soldado esteja em grupo, esteja apto a defender a si mesmo e ao grupo que está designado. Dessa maneira, molda-se o indivíduo para que ele exerça funções predeterminadas de forma objetiva, obediente às ordens provenientes da cadeia hierárquica, mas que, contudo, possa defender a equipe que compõe.

De acordo com Rein (1959, p. 25) o comportamento que é incorporado na consciência do soldado é um ‘estrato inferior’, pois suas condutas são ligadas a condições externas, físicas:

*El estrato “inferior” de la conciencia está representado por una serie de instituciones fundamentales, muy ligadas todavía al mundo de las impresiones sensoriales. A este nivel, apenas encontramos algunos procesos elementales de abstracción. El pensamiento se limita a distinguir*

---

<sup>2</sup> Recruta é o indivíduo que passou pelo processo de alistamento convencional, previsto em lei, foi admitido para o serviço militar obrigatório, mas que ainda não é efetivamente um soldado. Trata-se de um soldado em formação. Contudo, não se trata de posto ou graduação previstos na hierarquia militar moderna das Forças Armadas no Brasil.

*las relaciones físicas primarias entre el cuerpo y el mundo exterior; la conducta se encuentra ligada a las necesidades físicas inmediatas del individuo.*

Portanto, a ‘nova’ consciência do indivíduo passa a aceitar na maioria das vezes incondicionalmente a voz de comando, pois agora há um universo simbólico novo no qual toda ordem tem razão e funcionalidade própria.

Infere-se, portanto, que o bom soldado é aquele que ‘não’ é treinado para pensar individualmente, mas treinado para tomar iniciativa em favor do grupo tático no qual está inserido. De fato, a maior parte é um autômato, mas especializado, como um componente de uma linha de produção industrial e que não tem noção do que acontece no nível do Estado-Maior.

Sem a formação de soldado, normalmente, tende-se a pensar em primeira pessoa, na sobrevivência de pessoas amadas e em si, e por isso, segundo o narrador (Entrevistado, 2012),

*O soldado tem que entender que sem o outro ele não sobrevive muito tempo. As histórias de campo de concentração, de prisioneiros de guerra, mostram que é maior a probabilidade de um indivíduo ser alvo de hostilidades se ele estiver só. Se [o soldado] for pego em grupo, por saber das aptidões dos companheiros, vai arquitetar uma fuga, vai dificultar a rotina do campo de prisioneiros.*

Convém assinalar ainda que existem ainda soldados consideravelmente mais especializados, logo melhor treinados, em receber e executar ordens e em situações de extremo risco, estes são denominados de ‘comandos’ e os ‘forças especiais’<sup>3</sup>.

A origem de soldados mais especializados remete à Segunda Guerra Mundial. De acordo com Young (1975, p. 159): “As táticas de batalha já não são mais ‘Carregar! Apontar! Fogo!’” congratula todos os comandos que possuem “homens suficientes letrados e motivados para executar seus planos”.

---

<sup>3</sup> Segundo o entrevistado: “Comando é o indivíduo que age por trás das linhas inimigas. Enquanto a tropa convencional avança formando uma frente de batalha, os comandos atacam pela retaguarda, com efetivos menores. São soldados altamente treinados e mortais. (...) O curso de ações de comandos é o curso mais temido dentro do Exército porque o objetivo do curso é “despertar a agressividade do combatente”, diferente, por exemplo, de um “curso de operações na selva”, cujo objetivo é “capacitar o indivíduo a atuar em um teatro de operações em ambiente de selva”. No “comandos”, a agressividade do indivíduo vai ser despertada e controlada.

Tanto a construção do universo simbólico de um soldado convencional quanto a de um soldado especial invocam o mito do herói ao mesmo tempo em que há a participação do deus ao qual o soldado presta culto<sup>4</sup>. Tal misticismo investe o soldado de autoridades estatal e divina. Desse modo torna-se plausível, e até louvável que se mate para defesa do território do Estado, da (já indissociável) pátria<sup>5</sup> (CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS, 2012).

Cassirer (2005, p. 8 e 10) explica que para a construção de todo esse imaginário pelas Forças Armadas e a própria concepção de mundo absorvida pelo soldado através do discurso do Estado durante sua passagem por estas, apesar de ser uma construção lógica, só é analisável em si mesma, pois encerra duas esferas – a do “universo físico” infraestrutura, exercícios, armamentos, farda, etc. e a do “universo moral” a esfera do dever, onde o Estado e deus querem assim:

*Nada tem de estranho que no pensamento do homem, a concepção do universo físico não pode tampouco separar-se da concepção do mundo moral. Formam ambos uma unidade que têm uma origem comum (...) Percebemos dentro do círculo mágico do mito e da religião, o sentimento de que a cultura humana não constitui algo dado e óbvio, mais sim uma espécie de prodígio que necessita de explicação. Mas este sentimento move o homem a uma reflexão mais funda quando não só sente a necessidade de considerar este tipo de pergunta dando um passo, contudo põe-se a cavar um procedimento próprio e substantivo, ele desenvolve um “método” para responder a tais questões.*

Contudo, faz-se necessário lembrar que a construção simbólica no âmbito das Forças Armadas está longe de ser desorganizada e ineficiente. Além de construir um novo universo simbólico na consciência de cada soldado ingresso, o Exército o torna natural, um fim para todas as ações do militar.

---

<sup>4</sup> Aqui se faz referência a “deus” haja vista ser comum a manifestação religiosa em cultos no interior de unidades militares. O Exército Brasileiro conta com um serviço de assistência religiosa, o SAREx.

<sup>5</sup> Canção dos Comandos. Na paz ou na guerra sempre há/um comando preparado pra lutar/se a pátria lhe pedir está pronto pra partir/não importa o lugar/na selva, na montanha ou no mar/onde seja necessário atuar/surge do céu seu braço forte/se preciso enfrenta a morte/sua estrela há de brilhar/o céu é seu abrigo,/o solo o seu colchão/à retaguarda do inimigo/leva a morte e grande confusão/surpresa e sorte natural/acompanham a caveira e o punhal/quando a chuva for intensa/e a escuridão imensa é a hora ideal/o rosto dos comandos ninguém vê/suas garras quem sentir não viverá/o ataque é mortal com destruição total/a missão se cumprirá/o céu é seu abrigo,/o solo o seu colchão/na retaguarda do inimigo/leva a morte e grande confusão.

## NATURALIZAÇÃO DO DISCURSO DO ESTADO: A DESCONSTRUÇÃO DA ALTERIDADE

Na concepção filosófica de Cassirer (2005, p. 72), não é possível entender o Estado pelo Estado, ou seja, pela sua estrutura político-jurídica tão somente, mas esse ente pode ser entendido pelos sujeitos que o compõe, sua matriz humana.

Também parece ser claro que não é possível apreender o Estado em sua totalidade, haja vista sua complexidade. Mas alguns aspectos podem ser evidenciados por meio das ações de seus indivíduos e das relações subjetivas (no sentido de serem relações típicas do sujeito) – linguagem e discurso – que estabelecem entre si e com o espaço geográfico

*El lenguaje es explicado como fruto de una convención, de un “convenio” concertado por los individuos; la vida del Estado y de la sociedad se atribuye a un “contrato social”. Claro está que se incurre con ella en un círculo vicioso fácil de descubrir. Un convenio sólo puede concertarse, en efecto por medio del lenguaje y del discurso, del mismo modo que un contrato no puede nacer ni prosperar, ni tendría sentido ni vigencia más que en el seno del derecho y del Estado.*

Desde a formação e execução do discurso elaborado e proferido pelo Estado, a sua participação é muitas vezes ocultada para que pareça haver naturalidade nas ações tomadas pelas Forças Armadas e pelos indivíduos que a compõem, assim como uma falsa ideia de escolha por parte do indivíduo que vai ser submetido a uma ‘oportunidade ímpar’ largamente difundida “a de morrer pela pátria” (KANTOROWICZ, p. 147-156).

Para Cassirer (2005, p. 79) “cuanto más profundo e íntimo es este sentimiento, más parece retraerse del mundo y desembarazarse de todas las trabas que unen al hombre con el hombre, que lo atan a su realidad social. El creyente sólo conoce dos cosas: a sí mismo y a su dios; no quiere conocer nada más”.

Aplicando a lógica de Cassirer ao problema proposto neste artigo, entende-se que se o indivíduo não reconhece o outro como seu semelhante,

portador das mesmas crenças, cultura ou linguagem ele poderá facilmente exterminar o outro, pois o que está sendo morto não é seu igual. Se alguém *tem que ser* neutralizado, é o outro.

Ruiz (2003, p. 24) explica que

*O poder do imaginário nos revela que o sem-fundo humano é indeterminação e indeterminável. Mas acima de tudo o imaginário, como todo humano, é paradoxal. O paradoxo nos envolve e penetra; ele nos frutifica e limita. O paradoxo do imaginário emerge como força criativa, mas só pode existir na forma de identidade delimitada. Ele é indeterminável, mas só se concretiza se estiver determinado.*

É, portanto, na perspectiva de se desumanizar, de ‘tirar a alteridade que une o humano’, ao ouvir uma ordem de atirar, o soldado não olhar para o outro como humano mais como algo que precisa ser eliminado, mata-se um uniforme, uma bandeira, uma ideologia, pois o inimigo não tem nome próprio, é diferente, não tem pais, nem filhos. É a patente e isso é naturalizado com a fragmentação da alteridade.

Essa cisão é realizada para que, ao receber uma missão que envolva ‘tirar a vida do outro’, o soldado consiga executar a ordem sem qualquer embaraço, para Ruiz (2003, p. 56),

*Essa nova criatura, distanciada do mundo pela autoconsciência que possui de sua própria identidade, vivenciou esse mundo como algo paradoxal. Está inserida irremediavelmente no mundo, porém este permanece sempre distante e distinto. Essa vivência paradoxal de proximidade e distanciamento entre a consciência e o mundo possibilitou, de fato, a existência da humanidade. Ela fez transcender a humanidade do mundo (...) A alteridade aparece como paradoxo que estabelece um distanciamento relacional, une-e-separa o sujeito do objeto. É graças a esse paradoxo que ambos se configuram enquanto sujeito e objeto. A alteridade não é uma opção do ser humano, mas sua condição de possibilidade para existir como pessoa. Ela não foi uma simples conquista pessoal, coletiva ou da espécie.*

Quando a consciência do soldado é trabalhada para que o outro seja visto de forma sempre diferente, o imaginário transforma-se em um motor de exclusão, pois dentro da mente do soldado o inimigo não é humano é um agente que precisa ser liquidado.

Essa construção imaginária imposta e apreendida pelo soldado é absorvida de maneira naturalizada pelo discurso do Estado por meio das Forças Armadas, em contraposição com a substância humana, que concebe a existência do outro, pois, segundo Ruiz (2003, p. 32-56), a

*imaginação e o imaginário constituem dimensões antropológicas e sociais que interagem com a racionalidade de forma necessária. Racionalidade e imaginação estão implicadas numa tensão permanente (...) Ambas se correlacionam, interagem e criam a partir da dimensão simbólica inerente ao ser humano (...) A alteridade é uma dádiva que possibilitou a criação da humanidade, porém também é uma imposição, pois nenhum ser humano pode optar entre a alteridade ou outra alternativa. Ela é a matriz geradora da liberdade do ser humano. Contraditoriamente, é uma liberdade imposta, pois é a dimensão necessária para que a humanidade possa existir como espécie qualitativamente diferente do resto.*

Segundo Gil Filho (2010, p. 8) “o ponto fixo e a posição das coisas no espaço real assim como as suas relações são determinações objetivas de sua existência. Portanto, o mundo empírico da percepção antecede o conceito teórico próprio do mundo lógico abstrato”. E, por conta disso, ao ser formatado, o mesmo indivíduo que antes seria incapaz de matar outra pessoa, torna-se um hábil homicida a serviço em tempo integral do Estado.

Segundo Cassirer (2003, p. 86), tal lógica é plausível haja vista que “assim sucede que um meio ambiente mau será particularmente nocivo para as melhores naturezas e que estas se tornem piores do que as naturezas insignificante.

As relações que são interiorizadas no indivíduo através das mais diversas atividades vivenciadas na rotina do Exército, sem que ele possa dar-se conta do que esta absorvendo, são pensadas, de acordo com Hall (1992, p. 25) como parte da

*ferramenta do Estado para afetar a sociedade na sua construção de territorialidade (...) A partir que se dispõe a ser moldado pela ferramenta de defesa do Estado o indivíduo tem seu imaginário programado para romper com o reconhecimento do outro, por isso o processo de alteridade elaborado pelo convívio social desde seu nascimento é alterado e o outro pode ser machucado ou morto (...) as questões sobre a capacidade do Estado em afetar a sociedade e sobre a capacidade desta em limitar o avanço daquele.*

Apesar da defesa do território nacional poder ser executada das mais diversas formas, neste texto, aprofunda-se no formato institucionalizado – Forças Armadas. E, para que haja eficácia desse modelo, o ensino deve ser difundido pelo Estado e depois ser enaltecido pelos familiares e pela sociedade civil que, após a formação militar de um dos seus entes, recebe um novo integrante da família habilitado com novas técnicas para sobreviver e defender a pátria. Basicamente, é o que se faz no campo onde se obterá um símbolo especial: a boina<sup>6</sup>.

Quando o período de ‘sobrevivência’ é concluído, o recruta já passa a ser considerado um soldado, pois está apto a receber a boina. Contudo, há um ritual que envolve essa cerimônia de passagem de condição – de recruta para soldado, de iniciante para iniciado, conforme o narrador (Entrevistado, 2012):

*os soldados vêm dentro de uma viatura (...) “5 ton” que, na realidade, é a abreviatura de “cinco toneladas”, uma viatura de grande porte. Os sargentos vêm dentro com os soldados e essa viatura vem toda fechada, dando continuidade ao desconforto. Normalmente se diz para o soldado que eles estão saindo daquela base de instrução para ir para outra – o que o soldado pensa, muitas vezes, mas uns já pegaram dicas com os colegas de anos anteriores e sabem que dali estão indo para o quartel. Mas a situação hipotética que se cria no soldado de que ele está saindo de um lugar onde ele sofreu para ir para um outro lugar onde ele vai sofrer mais um pouco. Por a viatura estar toda fechada, e a saída estar controlada por dois sargentos ou dois militares graduados, o soldado já fica com mal-estar. Há soldado que já vem fantasiando sobre o que vai acontecer. Na realidade, quando eles chegam, não é naquele lugar onde foi dito que eles passariam mais cinco dias. Chega-se no quartel. Então quando eles desembarcam das*

---

<sup>6</sup> Chapéu que cobre parte da cabeça, geralmente sem pala ou com pala muito curta, raso, redondo e largo. A boina, no Exército Brasileiro, é o símbolo que consagra a formação básica do soldado. (DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA, 2012).

*viaturas, estão os familiares esperando-os no quartel, em silêncio até a abertura das viaturas. Há soldado que chora, que se emociona. É comum ver soldados se abraçando nessa hora porque cumpriram aquela etapa.*

É nessa fase do ritual que há a conexão entre o discurso do Estado e a divulgação da função do novo soldado no âmbito familiar feita pelo próprio soldado, através da linguagem falada e da visual – os soldados vêm consideravelmente abatidos, e por vezes feridos, da atividade que realizaram.

De fato, os que cumprem essa etapa já são soldados, mas ainda precisam passar por uma formatura, uma cerimônia onde serão entregues suas boinas, símbolo máximo da conquista alcançada após uma série de provas – de caráter, lealdade, resistência física e psicológica.

Gil Filho (2005, p. 56) observa que o “espectro das convenções sociais, parte intrínseca do universo consensual das representações sociais, indica a sociedade como um mundo das coisas plenas de finalidade, na qual o denominador comum é o próprio homem. Existe uma identidade comum ao grupo, livre e de certo modo igualitária”.

Quanto à visualização do impacto de uma ‘identidade comum’, segundo o narrador, quando por ventura, há algum indivíduo que não passou plenamente pelo mesmo treinamento, por razões médicas ou não, esse tal sofre zombaria pelos demais por tempo indeterminado, além de não obter respeito pelos seus colegas que passaram por todo treinamento. Em alguns momentos, esses indivíduos podem ser chamados de “boina fria” ou “boina rosa” (Entrevistado, 2012) porque, não passaram a contento pelo campo, ou seja, não houve plenitude em suas ações para que fizesse por merecer tal símbolo.

A chegada dos soldados vindos ‘da boina’ (campo-boina), é uma recepção na realidade, não é formal. Basicamente, os soldados “entram em forma, o comandante da unidade informa para os familiares que os soldados concluíram mais uma etapa e que, em breve, haverá a formatura de entrega da boina” (Entrevistado, 2012).

A entrega da boina se dá alguns dias depois da chegada do comboio. É o intervalo que o soldado tem para se recuperar de algum eventual ferimento e continuar o treinamento que envolve marchar e manter a habilidade de manejo do fuzil com finalidade de ordem unida.

A formatura da entrega da boina, o “coroamento da atividade” desempenhada no campo, pode ser considerada uma apologia ao próprio sistema no qual o soldado se encontra. Segundo Gil Filho (2005, p. 57),

*o universo hierárquico e reificado é próprio dos sistemas de classificação, do mundo dos papéis e competências específicas, o mundo das diferenças, das relações de poder, dos saberes hierarquizados, da unção institucional que confere méritos diversos. O espectro reificado é pleno do conflito imanente contido pelos sistemas organizacionais e suas regras e normas. É um mundo com uma linguagem específica para cada embate, para cada contexto espaciotemporal.*

E, nessa ‘reificação’ do universo hierárquico consta a participação dos familiares do soldado, onde ele é considerado herói, pois passou por sua saga e agora é diferente dos outros que não conseguiram passar.

Finalmente, a formatura para entrega da boina ocorre quando o expediente no quartel se está prestes a se encerrar, às 17:00h, se estendendo para um pouco depois do expediente. É comum que essa formatura seja ao entardecer.

Há familiares que vêm de longe, pois entendem que aquela é uma ocasião especial, com grande simbolismo. Normalmente, os primeiros familiares começam a chegar umas 15:00h. Embora haja uma estrutura para a recepção desses familiares, “essas se fazem precárias, alguns familiares chegam antes da formatura e ficam circulando pela entrada da unidade” (Entrevistado, 2012).

O soldado entra em forma com o fuzil e com o uniforme convencional, de combate que é o uso do coturno, calça camuflada, camisa (por baixo), gandola, cinto, suspensório e gorro convencional.

O gorro convencional demonstra que a indumentária que o soldado apresenta é um uniforme de instrução ou de combate, dependendo do ambiente operacional onde ele está, não demonstrando nada especial. Mas, por baixo da gandola, o soldado leva sua boina, peça já experimentada anteriormente.

Na hora da formatura, as subunidades são apresentadas para o comandante ou o militar mais antigo presente. Esse militar toma a frente da formatura e explica a sua finalidade para os familiares que já estavam se esperando desde cedo. Na hora da formatura, as subunidades são apresentadas para o comandante ou o militar mais antigo presente.

Assim, a formatura tem prosseguimento. Após o recebimento das apresentações das companhias, considerando que se dá em nível “batalhão”, o comandante da unidade tece suas considerações acerca da finalidade daquela formatura, fazendo um discurso ressaltando o valor dos militares em um campo de batalha.

Nesse esse discurso, justifica-se o que os soldados passaram pelo campo, ou seja, para que a rusticidade natural que o soldado possui seja moldada; e para aquele que se ele não a tenha, a obtenha. Enfim, é necessário que o soldado seja nivelado para que em uma situação de emergência ou de combate ele saiba executar os procedimentos para os quais foi treinado. Em todo caso, não é simplesmente o exercício físico que vai caracterizar o soldado, mas também as condições morais e psicológicas. Em outras palavras, “O discurso do comandante em uma formatura de boina tem o sentido de mostrar para os familiares que, a partir de agora, aqueles indivíduos são soldados e são confiáveis” (Entrevistado, 2012).

Ainda segundo o narrador (Entrevistado, 2012), o dia da formatura:

*é um dia em que o quartel tem portões abertos para a comunidade. Quando é anunciado pelo comandante que o soldado, a partir de agora, vai receber a boina da sua “madrinha” ou do seu “padrinho”, dá-se o comando de “à vontade”, que pode ser por voz ou corneta (o soldado reconhece). Nessa hora, os familiares ocupam o espaço de formatura [pátio] de formatura e o soldado entrega a boina para o pai, ou para a mãe, ou para a namorada (quem quer que seja), para o tio e essa pessoa que recebe a boina coloca a boina na cabeça dele [soldado]. Muita gente tira foto, confraterniza... Essa parte dura, normalmente, de três a cinco minutos. É algo rápido. Depois disso, os soldados já em forma novamente (por comando de voz ou de corneta) se perfilam, se organizam já com a boina na cabeça. A boina que até então estava na gandola “vai” para a cabeça. O gorro é guardado no bolso. O comandante, até então, representa a unidade. Então eles [os soldados, a tropa em geral] passam em continência ao comandante.*

Depois disso, normalmente, há uma confraternização nas companhias, onde os soldados vão recontar histórias para seus familiares e apresentá-los aos seus superiores hierárquicos.

Para o narrador (Entrevistado, 2012), a “formatura, na realidade é (ou acaba por ser) uma formalidade – vai dizer (aos outros) que aqueles indivíduos, a partir de agora são soldados. Alguns a gente sabe que nunca vão ser: por não terem o pendor, condição física, desenvoltura que a função de um soldado requer”.

O narrador (Entrevistado, 2012) explica que há

*soldados que, muitas vezes, não têm o pendor moral de dividir a pouca comida que há para um grupo. Nesse caso, ele se animaliza: primeiro ele. Nessa hora, por exemplo o soldado deve ter o que se chama no Exército atributos da área afetiva, tem que ter noção de está trabalhando em um corpo, em um coletivo. Assim, ele não vai comer tudo sozinho: por menor que seja a quantidade de comida, ele vai ter que dividir com o grupo; o grupo vai ter que fazer segurança; alguém vai ter que ficar acordado à noite; alguém vai ter que acender o fogo; alguém vai ter que caçar; alguém vai ter que buscar água; alguém vai ter que a cobertura [abrigo improvisado]; e assim por diante.*

Abrem-se parênteses aqui para esclarecer que, segundo o narrador (Entrevistado, 2012) a formatura militar confunde-se constantemente com formatura “especial”, aquela que tem por objeto algum motivo especial, pois “a formatura militar, diária, apesar de ser cerimoniosa, não se dá por motivo patentemente especial, pois é uma cerimônia de rotina, é um protocolo a ser cumprido incondicionalmente”.

Nesse sentido, portanto haveria formaturas de diversos matizes dentro da rotina militar:

*(...) as formaturas na companhia e no batalhão são formaturas de rotina, não tendo nada de exuberante, a não ser para quem não conheça a realidade e tem a curiosidade de ver um ajuntamento de militares para ver o que é “ordem unida”. Há gente que se encanta, mas para quem vive a rotina não tem nada de especial (...) essa formatura nem se compara, no sentido de pompa, com a formatura de entrega da boina, por exemplo, onde o soldado bate o pé mais forte, brada mais alto (...) Na formatura da boina, o soldado entra, com o gorro normal, gorro de pala.*

Uma cerimônia “especial”, portanto, passa a ser uma clara forma de cultura. É nesse momento em que o Estado se dá a perceber materialmente para que as pessoas que estão ali presentes comunguem do imaginário intrínseco.

Segundo Mosse (2007, p.32) “*como ocorre en cualquier religión, la teología se expresaba mediante una liturgia: vestejos, ritos y símbolos que se mantuvieron constantes en un mundo siempre cambinte*”. Desse modo, cada quartel das Forças Armadas brasileira possui o seu momento de culto diário, em homenagem à bandeira nacional, quando há o toque específico da corneta pela manhã e todos os militares que não estão de sentinela param onde estão e prestam continência voltados para a bandeira; além da troca diária da guarnição de serviço no início do expediente – a “parada diária” – quando há a realização da “continência ao terreno”.

Na verdade, esses são momentos em que os soldados estão reunidos para que o seu imaginário continue sendo constantemente alimentado pelos ideais patrióticos e de uma nação que depende dele para subsistir em momentos de crise. É a manutenção do universo simbólico militar.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora seja um assunto de abordagem complexa, pois há de ser considerada a estrutura de um Estado, além de suas ferramentas ideológicas, é possível verificar que o discurso estatal pode lançar mão de símbolos para explicar uma lógica que lhe é própria.

Este texto propôs-se a evidenciar essa influência simbólica sobre o soldado durante sua formação no Exército Brasileiro. Foi possível observar o que uma peça de uniforme pode estar carregada de significados e transmitir tanta influência ao sujeito até o ponto de justificar materialmente sua permissão para matar em nome do Estado.

Nota-se que há um misticismo intrínseco, pois ao mesmo tempo em que há a aprovação do deus do sujeito, há a exigência do Estado, como um credor que espera sua oportunidade de, no momento certo, receber o sacrifício do soldado.

Um fato incontestável é que a estrutura militar necessita de soldados das mais diversos matizes. Precisa tanto de um soldado, combatente, quanto de um

médico. E, no fim, independente da posição hierárquica de quem está servindo, o discurso-fim de defesa da pátria foi propagado e altera-se em alguns detalhes de país para país.

## REFERÊNCIAS

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado**: nota sobre os aparelhos ideológicos de Estado. Tradução: Walter José Evangelista e Maria Laura Viveiros de Castro. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

BONNEMAISON, J. **Viagem em torno do Território**. In: RONSENDHL, Z.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). *Geografia Cultural: um século* (3). Rio Janeiro: EDUERJ, 2002, p. 83-131.

BRASIL. Lei nº 4.375, de 17 de agosto de 1964. Lei do Serviço Militar. **Diário Oficial da União**, Brasília, 03 set. 1964.

CASSIRER, E. **O mito do Estado**. São Paulo: Códex, 2003.

\_\_\_\_\_. **Las ciencias de la cultura**. México: FCE, 2005.

CENTRO DE INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES ESPECIAIS. Disponível em: <http://www.ciopesp.ensino.eb.br/lemas/lemas.html>>. Acessado em 31 jul. 2012.

DICIONÁRIO PRIBERAM DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.priberam.pt/dlpo/default.aspx?pal=boina>>. Acessado em: 31 jul. 2012.

KANTOROWICZ, E. **Os dois corpos do rei**: um estudo sobre teologia política medieval. Tradução: Cid Knipel Moreira. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

MANN, M. **O poder autônomo do estado**: suas origens, mecanismos e resultados. In: HALL, J. *Os Estados na história*. Tradução: Paulo Vaz, Almir Nascimento e Roberto Brandão. Rio de Janeiro: Imago, 1992. p. 163-204.

MOSSE, G. L. **La Nacionalización de las Masas**: simbolismo político y movimientos de masas en Alemania desde las Guerras Napoleónicas al Tercer Reich. Argentina: Siglo XXI, 2007.

REIN, M. **La filosofía del lenguaje del Ernst Cassirer**. Montevideo: Cuadernos de Filosofía del Lenguaje, 1959.

RUIZ, C. B. **Os paradoxos do imaginário**. São Leopoldo: UNISINOS, 2003.

YOUNG, P. **Comandos**: os soldados-fantasmas. Rio de Janeiro: Renes, 1975.